

Caminhos e possibilidades para o Ensino de Geografia

Jaqueline Andrade Brito



ENTRELAÇANDO - REVISTA ELETRÔNICA DE CULTURAS E EDUCAÇÃO

• Nº 05. Ano III (2012) • Jan./Abril • ISSN 2179.8443 •

Endereço: www.ufrb.edu.br/revistaentrelacando

Centro de Formação de Professores – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivos fazer uma breve análise das finalidades do ensino de Geografia e suscitar discussões a respeito da intervenção do Estágio Supervisionado em Geografia e sua contribuição para a dinamização do ensino da referida disciplina, apontando os caminhos e os desafios enfrentados durante a realização desta atividade. O ponto de partida foram as experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Geografia-UNEB, realizado numa turma de 1º ano (Ensino Médio) no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, localizado no município de Santo Antonio de Jesus/ BA. De modo a facilitar a compreensão o trabalho está estruturado em tópicos. No primeiro uma discussão conceitual sobre as finalidades do ensino de Geografia. Em sua segunda parte será exposta a metodologia adotada durante o estágio de regência, logo após algumas ponderações sobre os caminhos trilhados na (des) construção do ensino de Geografia, e por último às considerações finais.

Palavras- chave: Estágio. Geografia. Ensino.

ABSTRACT

The present work aims to make a brief analysis of the purposes of teaching Geography and raise discussion about the intervention of Supervised Internship in Geography and his contribution to boosting the teaching of the discipline, pointing out the paths and the challenges faced during the implementation this activity. The starting point was the experience during the Supervised Degree in Geography-UNEB, performed in a class of 1st year (High School) College Model Luis Eduardo Magalhaes, located in Santo Antonio de Jesus / BA. In order to facilitate understanding the work is organized into topics. At first a conceptual discussion about the purpose of teaching geography. In its second part is exposed to the methodology adopted during the stage of conducting, after some considerations on the paths in the (de) construction of the teaching of Geography, and finally the closing remarks.

Keywords: Stage. Geography. Teaching.

Jaqueline A. Brito
Licenciada em Geografia /
UNEB Campus V. Pós-
graduanda em PROEJA /
IFBA. Pós-graduanda em
Educação do Campo e
Desenvolvimento Territorial
do Semiárido Brasileiro /
CFP/UFRB
geojaque@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Os estágios nos cursos de licenciatura são pontes entre a teoria e a prática, o ensino e a pesquisa tendo por fim permitir que o estudante perceba as dificuldades que iremos enfrentar durante sua vida profissional, bem como adquirir experiência, aprender o que não conseguimos apenas com a teoria oferecida pela universidade, ou seja, enfrentar a realidade da sala de aula – o lócus da nossa práxis, e experienciar situações – problemas existentes no âmbito educacional e até mesmo da realidade do aluno, pois sabemos que essa realidade interfere tanto de forma positiva quanto negativa no processo de ensino-aprendizagem dentro da sala de aula.

O estágio, ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizada da práxis docente, entendida como atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio curricular é uma atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta sim, objeto da práxis. Ou seja, é no contexto de sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá. (PIMENTA e LIMA, 2004, p. 45).

A luz do pensamento de Pimenta e Lima compreendemos que o Estágio Supervisionado é o momento que os graduandos têm para aprofundar seus conhecimentos, adquirir experiências práticas como educadores e construir aptidão nesse aspecto da formação profissional demonstrando na prática os conhecimentos adquiridos evidenciando postura, segurança, clareza e capacidade de lidar com situações difíceis, permitindo que o educador em formação consiga avaliar sua práxis, confrontar a realidade com a teoria, enfim, completar seu processo de ensino-aprendizagem.

Assim, a prática nos estágios deve incluir as reflexões e discussões sobre as metodologias de ensinar e aprender e acima de tudo

devem ser considerados como a instrumentalização fundamental no processo de formação profissional de professores. Assim, são segmentos importantes na relação entre trabalho acadêmico e a aplicação das teorias, representando a articulação dos futuros professores com o espaço de trabalho, a escola, a sala de aula e as relações a serem construídas. (PASSINI, 2007, p. 27)

Pois, A sala de aula é o lugar em que o educador descobre que não existem fórmulas prontas para educar, é o lugar da dúvida, do questionamento, curiosidade, provocação e, o primeiro espaço de enfrentamento do medo de não conseguir e de sua superação, sabendo que o aprender é permanente visto que nenhum conhecimento chegará ao fim. Dessa forma, é com base nas experiências vivenciadas durante a execução do Estágio Supervisionado em Geografia IV - realizado

numa turma de 1º ano (Ensino Médio) no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, localizado na Rua 1, S/N Amparo no município de Santo Antonio de Jesus/ BA – que o presente trabalho possui como objetivos propor uma breve análise sobre as finalidades do ensino de Geografia e suscitar discussões a respeito da intervenção do estagiário e sua contribuição para dinamização do ensino da referida disciplina, apontando os caminhos e os desafios enfrentados durante o estágio.

Para tanto foi necessário um aporte teórico sobre o Estágio Supervisionado e o ensino de Geografia, em seguida a observação da classe e do professor regente ao longo de cinco dias para perceber o comportamento, atitudes e interesse da turma em relação a disciplina, como também verificar a metodologia de ensino adotada pela professora regente. Logo em seguida houve uma co-participação durante duas aulas onde foi possível interagir com a turma e com a professora regente. Por fim foram dois meses de estágio assumindo a turma como professora, o que possibilitou uma análise crítica sobre a realidade da prática docente, e toda a complexidade da relação entre professor e aluno, professor e professor, enfim entre a comunidade escolar.

Nessa perspectiva foi possível constatar durante o Estágio Supervisionado um aparente desinteresse pela disciplina Geografia, fato que pode ser comprovado com as declarações e queixas dos alunos dizendo que “*a Geografia é uma disciplina decorativa*”; “*é uma disciplina difícil de ser entendida*”; “*é muito complicada*”; “*esta aula não é nada atrativa*”, além de outras afirmações. Para mudar a didática do ensino de Geografia na escola tornando-a dinâmica, rica, viva, é preciso mudar antes o conceito que se tem dessa disciplina e suas metodologias.

Por isso, a escolha do referencial teórico-metodológico é extremamente importante, é ele que vai conduzir toda a prática pedagógica do professor. Se o referencial teórico-metodológico for positivista, como o docente poderá romper com a prática tradicional? Nesse sentido Kaercher (1997) afirma que se trabalharmos tradicionalmente é porque somos tradicionais. Enquanto não tivermos claros os nossos referenciais teóricos e nossos objetivos, construiremos um edifício frágil, confuso, um verdadeiro entulho.

Outro problema evidenciado foi que apesar de estudarem o seu município nas aulas, os alunos ainda não percebiam a utilização de conhecimentos geográficos na sua rotina e não percebiam que a Geografia está intrínseca ao seu cotidiano. Sobre esta problemática Kaercher (2002), afirma que no período de Estágio Supervisionado, é preciso mostrar aos alunos que podemos entender melhor o mundo em que vivemos. Mostrar que sabemos Geografia não é sabermos dados ou informações atuais ou compartmentadas, mas sim, relacionarmos as informações ao mundo cotidiano dos nossos alunos.

Parece que um dos maiores objetivos da escola, e também da Geografia, é formar valores: de respeito ao outro, respeito às diferenças (culturais, políticas, religiosas etc.), combate às desigualdades e as injustiças sociais. Estes ideais não são evidentemente “conteúdos” de Geografia! Não faz mal. (Kaercher, 2002, p. 224)

Evidencia-se a importância da Geografia na vida social dos indivíduos, contribuindo em sua formação e dando subsídios para compreensão das relações existentes no espaço geográfico, na relação entre homem e natureza. Para tanto, sabemos que não é possível preparar alunos capazes de compreender os conteúdos geográficos ensinando conceitos desvinculados da realidade, ou que se mostrem sem significados para eles. Mas enquanto estagiária como modificar essa realidade evidenciada? Esse foi o grande desafio para nós estudantes de licenciatura em Geografia, mudar a forma de pensar e de ensinar a ciência Geográfica. E o estágio possibilitou um repensar da educação neste sentido.

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ATUALIDADE

A ciência geográfica permite a construção de saberes que, tornam possível a compreensão do mundo do ponto de vista espacial, pois de acordo com Cavalcanti

O pensar geográfico contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos ao conhecer o mundo em que vive, desde a escala local à regional, nacional e mundial. O conhecimento geográfico é, pois indispensável a formação de indivíduo participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais. (CAVALCANTI, 2002 p. 11)

Para isso torna-se imprescindível repensar as concepções do Ensino de Geografia e suas possibilidades metodológicas na Educação Básica e, como no caso ora apresentado, no ensino médio. Segundo REGO (2007, p. 9), para que isso aconteça, uma geografia educativa “transforma temas da vida em veículos de compreensão do mundo”.

O ensino de Geografia deve permitir a construção de saberes sobre a realidade sócio espacial levando os cidadãos a assumir formas de participação política e atitudes críticas diante da realidade atual, aprendendo a discernir os limites e possibilidades da sua atuação, na permanência ou na transformação da realidade histórica na qual está inserido.

Assim, acreditamos que para uma atuação eficaz do professor de Geografia, o mesmo precisa, enquanto profissional em formação continuada, refletir sobre fatores, características, acontecimentos e conseqüências relacionados aos contextos escolares onde atuará. Dessa forma, o mesmo necessita direcionar suas reflexões para temas relevantes à sala de aula, entendendo esta como o conjunto professor-aluno e os contextos que os envolvem.

A educação é um processo que percorre dois caminhos indissociáveis. De um lado, ela se faz por meio do incentivo à transmissão do saber, um processo alimentado por conteúdos considerados socialmente relevantes, que chega ao educando de fora para dentro. De outro, é preciso extrair respostas ativas do aluno e instigá-lo a produzir o saber. Ela resulta, assim, da interação dos sujeitos (aluno e professor) com os objetos do conhecimento, numa relação recíproca, na busca de respostas ativas e da produção do saber.

Nesse sentido Freire afirma que: “O educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vão conhecendo os conteúdos os objetos cognoscíveis, e não na medida em que o educador vai depositando nele a discricção dos objetos ou dos conteúdos”. (FREIRE, 1993 p.47)

Nesta perspectiva, pensar no ensino de Geografia remete uma reflexão da realidade e do contexto em que vivem os sujeitos envolvidos, bem como o entendimento das questões geográficas do âmbito global á local, a fim de valorizar o cotidiano do aluno e a realidade do país é da comunidade que estes estão inseridos. Concordando assim com Calvalcanti ao afirmar que *não basta assim, ao professor ter domínio da matéria é necessário tomar posições sobre as finalidades sociais da Geografia numa determinada proposta de trabalho, é preciso que o professor saiba pensar criticamente a realidade social e que se coloque como sujeito transformador dessa realidade.* (CAVALCANTI, 2002 p. 110)

A autora instiga-nos a pensar o quão essencial é um bom relacionamento entre o professor e o aluno, extrapolando o ato de ensinar para além de um ato mecânico. Considerando as representações sociais, Cavalcanti (2002), ratifica que estas não são somente conceitos, mas também imagens que se refletem nas suas interpretações. Nessa proposta, os PCN's procuram vincular os conteúdos às discussões ambientais e multiculturais, sempre pautada na criticidade e com uma visão holística acerca do espaço habitado.

Diante desta realidade e das novas abordagens histórico-metodológicas e pedagógicas de ensino que nos dão um campo variado de métodos e materiais que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem, fica clara a necessidade do uso de novos procedimentos metodológicos no decorrer da nossa vivência em sala de aula. Auxiliando, também, na busca de possibilidades que evitem a exclusão e a idéia simplista mostrada pelo livro didático.

Segundo Cavalcanti os PCN's possuem legitimidade quando considera:

(...) o ensino como processo de construção de conhecimentos e o aluno como sujeito ativo desse processo e, em consequência, a ênfase em atividades de ensino que permitam a construção de conhecimentos como resultado da interação do aluno com os objetivos de conhecimento. (CAVALCANTI, 2002, p. 30)

Essa colocação da autora está diretamente ligada às questões pontuadas nos objetivos dos Parâmetros que, tem como premissa a construção do conhecimento pelo aluno e seu desenvolvimento cognitivo, pois, ela pontua o sentido amplo que estes têm por permitir a adequação dos conteúdos específicos da Geografia à realidade local, levando em conta o estoque de conhecimento a mão do discente envolvido no processo

Como observa Cavalcanti, na Geografia deve-se antes de tudo, considerar a realidade do aluno, como referência para o estudo do espaço geográfico, renovando os aspectos pedagógico-didáticos e, sobretudo o aluno não mais como objeto e sim como processo de ensino-aprendizagem. Ela salienta que nessa Geografia é importante deixar o aluno descobrir o mundo aprendendo, através da contradição, ele mesmo a formar um conceito.

Na atualidade, torna-se cada vez mais eminente uma renovação das práticas e metodologias utilizadas no ensino de Geografia, de modo que o mesmo seja mais atrativo e voltado para a realidade dos discentes. Porém, a que se considerar os empecilhos e dificuldades apresentados pelo sistema público de ensino brasileiro. Neste sentido, o Estágio tem o papel de auxiliar na formação docente, pois o mesmo propicia aos licenciados vivenciar a realidade do ser professor de uma escola pública brasileira a partir da convivência num universo escolar, pois para Kuenzer:

Mais do que nunca o Ensino Médio no início do novo século deverá superar a concepção conteudista que o tem caracterizado, em face de sua versão predominantemente propedêutica, para promover mediações significativas entre os jovens e os conhecimentos científicos, articulando saberes tácitos, experiências e atitudes. (KUENZER, 2001, p. 42)

Nas idéias de Kuenzer o Estágio Supervisionado deve fortalecer a relação teoria e prática com base no princípio metodológico de que o desenvolvimento de competências profissionais implica em utilizar conhecimentos adquiridos, quer na vida acadêmica quer na vida profissional e pessoal. Complementa o processo de ensino-aprendizagem, por meio da conscientização das deficiências individuais, incentivando a busca pelo aprimoramento pessoal e profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo da regência no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães verificamos que os estudantes carregam as marcas e o conhecimento de uma Geografia tradicional, demonstrando antipatia e desinteresse pela ciência geográfica, já que na visão deles a disciplina serve apenas para decorar, memorizar nomes e dados.

No primeiro dia de regência foi realizada uma dinâmica de levantamento dos conhecimentos prévios, para instigar os estudantes acerca da importância da Geografia no nosso cotidiano. Nesse sentido foi pedido as discentes que identificasse o objeto de estudo da Geografia. As respostas mais frequentes foram: estudo dos mapas, da natureza, do meio ambiente, da terra, fenômenos climáticos, vegetação entre outros.

Neste íterim, o principal objetivo da regência passou a ser a (des) construção do ensino de Geografia, buscando caminhos e alternativas para construção de uma nova Geografia que tem como fator principal, propicia aos estudantes a compreensão de aspectos essenciais do cotidiano e da vida social ao fazer a leitura do espaço e das relações dos seres humanos com ele mesmo, com o outro e com o meio em que vive. Em palavras de Kaercher

Pensar na importância e na influência do espaço, na fisicidade das coisas e na geograficidade de nossa existência é uma das grandes contribuições que a Geografia pode dar. A Geografia é um pretexto para pensarmos nossa existência, uma forma de “ler, pensar” filosoficamente as coisas e as relações e influências que elas têm no nosso dia-a-dia, porque “olhar as coisas” implica pensar no que os seres humanos pensam delas. (KAERCHER, 2007, p.16)

Assim a prática educativa do geógrafo requer procedimentos que vinculem os conceitos e noções da Geografia a interpretação do mundo e do lugar de vivência, tentando significar o conhecimento para que faça sentido ao discente.

Dessa forma, no intuito de fazer com que os discentes participassem realmente das aulas, suas experiências e os conhecimentos prévios foram sempre valorizados por meio de debates e discussões, de modo que pudessem ser variados os pontos de vista e estimulasse o senso crítico. Assim, o contexto sócio-econômico no quais os adolescentes estão inseridos foi ponto de partida, buscando sempre relacionar o tema em foco a questões do dia-a-dia e a sua participação na vida em sociedade. Vale lembrar, mais uma vez de Paulo Freire:

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o que. (FREIRE 2004, p. 102)

Mais do que nunca o professor deve estar atento às discussões de temáticas sociais e de cidadania. Neste aspecto, devemos lembrar das sugestões de Paulo Freire quando diz que o tempo do professor simplesmente conteudista já passou, vivemos em um século em que a carência de afeto e informação é imensa, motivos pelos quais devemos estar atentos e dispostos a fazer toda a diferença.

A realidade encontrada na turma do 1º ano do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, não é exclusiva desses estudantes ou dessa escola, sabemos que o ensino da Geografia ainda é um grande desafio, que deve partir dos professores, através de uma auto-reflexão sobre a nossa prática docente, a importância de nossas ações, ou da falta delas, no cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado proporcionou verificar e confirmar a importância dessa nova prática no ensino-aprendizagem. Foi uma experiência que nos mostrou o grande desafio, como também as inúmeras possibilidades para a construção de um novo saber geográfico. Percebemos que é possível modificar a realidade do ensino, essa afirmação baseia-se na experiência concreta vivenciada durante o Estágio e nos resultados obtidos durante a regência.

Chegamos a conclusão de que é possível construir uma Geografia de significados, desconstruindo a ideia de uma disciplina ruim e decoreba, buscando na medida do possível, dinamizar as aulas, trazendo a Geografia para o cotidiano, através de uma prática pedagógica dialógica, inclusiva que vê o educando como sujeito capaz de interagir na sociedade criticamente distinguindo o que é ético e como o cidadão pode transformar sua própria realidade.

Uma instituição escolar que prioriza o ensino-aprendizagem implicara na construção de novas relações inter-pessoais de sujeitos capazes de respeitar, escutar, dialogar, trocar experiências e saberes. Assim, de um ambiente exaustivo, estressante, desinteressante, passaria a ser um ambiente prazeroso e agradável. De acordo com Paulo Freire:

E hoje, tanto quanto ontem, contudo possivelmente mais fundamentado hoje do que ontem, estou convencido da importância, da urgência da democratização da escola pública, da formação permanente de seus educadores e educadoras entre quem incluem vigias, merendeiras, zeladores. Formação permanente, científica, a que não falte, sobretudo o gosto das práticas democráticas, entre as quais a de que resulte a ingerência crescente dos educandos. (FREIRE, 1993, p. 23)

Precisamos ter postura de um profissional que se preocupa verdadeiramente com o aprendizado, que deve exercer o papel de um mediador entre a sociedade e a particularidade do

educando. Assim, devemos despertar no educando a consciência de que ele não está pronto, aguçando nele o desejo de se complementar, capacitá-lo ao exercício de uma consciência crítica de si mesmo, do outro e do mundo, como dizia Paulo Freire. Mas como fazer isso é o grande desafio que o educador encontra, pois a educação é um processo contínuo de maturação das idéias onde o educador é o precursor do desenvolvimento intelectual dos discentes, ao mesmo tempo, o educador é um eterno aprendiz, que realiza uma leitura e reflexão de sua própria prática.

Dessa forma, só com uma prática pedagógica voltada para a valorização, integração e desenvolvimento intelectual dos alunos é que se é capaz de mudar a realidade e muitas situações, por mais difícil que se possa imaginar. Para tanto é indispensável e fundamental que se faça acontecer acima de tudo a pedagogia do afeto para que reforce e aconteça o verdadeiro conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ENSINO MÉDIO. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Médio: Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção do conhecimento*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 30ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- _____. Paulo. *Pedagogia da esperança um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: editora paz e terra, 1993.
- KAERCHER, Nestor André. A Geografia é o nosso dia- a- dia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1997.
- KUENZER, Acacia. *Ensino Médio construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. São Paulo; Cortez, 2001.
- PASSINI, Elza Yasuko. *Lendo os Mapas: a necessidade da alfabetização cartográfica da criança*. Revista AMAE Educando. N. 254. Setembro. 1995. p.14- 15.
- PIMENTA, Selma G. Lima e Lucena, Maria Socorro. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2004.
- REGO, Tereza Cristina. *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 15ª ed., Petrópolis: Vozes, 2003.

Trabalho Recebido em: 15/05/2011 e Publicado em: 15/06/2012